

## A TRAMA DISCURSIVA DA HOMOSSEXUALIDADE E DA HOMOFOBIA NA TELENOVELA PANTANAL: SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA

A TRAMA DISCURSIVA DA HOMOSSEXUALIDADE E DA HOMOFOBIA NA  
TELENOVELA PANTANAL: SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA

Washington Silva de Farias <sup>1</sup>

Universidade Federal de Campina Grande

Hilderlan Sousa Silva <sup>2</sup>

Universidade Federal de Campina Grande

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a “encenação” da homossexualidade e da homofobia no discurso teledramatúrgico da novela Pantanal a partir da representação do personagem Zaqueu nas duas versões da trama (TV Manchete/1990, TV Globo/2022). A partir recortes de cenas dessas duas versões, discutimos como evidências ideológicas sobre a homossexualidade e a homofobia foram reproduzidas, deslocadas ou contestadas no discurso da novela. O trabalho se inscreve na perspectiva teórica da Análise do Discurso pecheutiana, apoiando-se, de modo particular, em reflexões de Eni Orlandi sobre o silenciamento e a resistência dos sujeitos e dos sentidos. Nossos movimentos de análise demonstram que enquanto na primeira versão da novela as redes de memória da homofobia trabalham fortemente o silenciamento político do sujeito homossexual, na segunda versão, as evidências dessas redes são tensionadas por efeitos de resistência, abrindo possibilidades de significação outras para o sujeito homossexual. Esses resultados sugerem, assim, ser o discurso da telenovela uma prática significativa complexa de estabilização e deslocamento de sentidos.

**Palavras-chave:** Teledramaturgia; Homossexualidade; Homofobia; Discurso.

**Abstract:** This article aims to analyze the “staging” of homosexuality and homophobia in the telenovela Pantanal’s dramaturgical discourse based on the representation of the character Zaqueu in both versions of the plot (TV Manchete/1990, TV Globo/2022). Using excerpts from scenes from these two versions, we discuss how ideological evidence about homosexuality and homophobia was reproduced, displaced or contested in the soap opera’s discourse. The work is based on the theoretical perspective of Pecheutian Discourse Analysis, relying particularly on Eni

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Atua como pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – PB, onde é Professor Associado IV. Email: washfarias@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – PB. Email: hilderlan.sousa@estudante.ufcg.edu.br.

Orlandi's reflections on the silencing and resistance of subjects and meanings. Our analysis demonstrates that while in the first version of the soap opera the memory networks of homophobia strongly work towards the political silencing of the homosexual subject, in the second version, the evidence of these networks is strained by effects of resistance, opening up other possibilities of signification for the homosexual subject. These results thus suggest that the discourse of the soap opera is a complex signifying practice of stabilization and displacement of meanings.

**Keywords:** Telenovela; Homosexuality; Homophobia; Discourse

**Submetido em 14 de setembro de 2024.**

**Aprovado em 7 de outubro de 2024.**

## **Introdução**

“...é difícil para o sujeito dizer – se dizer – quando a sociedade e a história não elaboraram os sentidos”.  
(ORLANDI, 2002a, p. 60)

A homossexualidade ainda é um tema socialmente relevante e sensível, pois está relacionado a condições de opressão e sofrimento e também à luta por reconhecimento e por direitos das pessoas que têm sua orientação afetiva e sexual dirigida para outras pessoas do mesmo sexo.

Entretanto, a homossexualidade ainda é um assunto pouco abordado ou banido em vários espaços, quer escolar, familiar, religioso e até científico. Assim, o que, de modo geral, se aprende sobre a homossexualidade, fora dos espaços de militância dos movimentos LGBTQIAPN+, vem das mídias, da TV, cuja abordagem do tema, por muito tempo, se caracterizou pelo viés do sensacionalismo ou do alívio cômico e recreativo, reproduzindo, pela via do grotesco ou do humor, preconceitos e estereótipos.

Dessa forma, as percepções e atitudes negativas, discriminatórias e frequentemente violentas contra pessoas homossexuais resultam da reprodução social do preconceito e do conhecimento superficial e estereotipado sobre a questão.

Da perspectiva discursiva que adotamos neste trabalho, conforme sugere a epígrafe que antecede esta Introdução, entendemos que a homossexualidade e a homofobia são fatos imbricados nos processos de constituição e representação identitária dos sujeitos homoafetivos, determinando as im-possibilidades de significação desses sujeitos, isto é, de elaboração e experimentação de uma história própria de sentidos (assunção de uma identidade) ou de bloqueio deste movimento pelo trabalho negativo (e

de negação) do preconceito.

Por esse viés, relacionamos as questões da homossexualidade e da homofobia com a questão do *político* enquanto divisão fundadora dos sujeitos e dos sentidos nas relações de poder (ORLANDI, 2005, 2019) e de seus movimentos na sociedade e na história, bem como do *silenciamento do político* enquanto processo de estancamento, de asfixia dos sujeitos e dos sentidos mediante interdição do dizer da/a diferença ou imposição de sentidos à diferença.

Na telenovela Pantanal, em suas duas versões, a original (TV Manchete, 1990) e o remake (TV Globo, 2022), a subtrama do personagem homoafetivo Zaqueu<sup>3</sup>, vivido, respectivamente, pelos atores José Alberto Pinheiro e por Silvero Pereira, nos pareceu um fato propício para a reflexão sobre os movimentos de interpretação da homossexualidade nas mídias televisivas sob diferentes condições de produção sócio-históricas e discursivas. Nas duas versões, o personagem teve boa repercussão entre o público por conta de seu viés cômico. Entretanto, se na primeira versão de Pantanal a trama da homossexualidade foi construída predominantemente a partir de uma discursividade homofóbica recreativa, cujo traço principal é a utilização do humor, da caricatura, do estereótipo de gênero de forma desqualificadora das identidades homoafetivas, na segunda versão, essa trama teve alguns efeitos de deslocamento e de contestação, sugerindo uma atualização crítica do discurso sobre a homossexualidade, ao inscrever na trama de Zaqueu elementos de uma discursividade anti-homofóbica.

Desse modo, neste artigo, analisamos como funcionam os efeitos de reprodução e deslocamento de discursividades nas representações (textualizações) do personagem Zaqueu em cada uma das versões de Pantanal. Para isso, selecionamos como unidades de análise sequências discursivas (SDs) de três recortes dramaturgicos da trama do personagem, sendo dois deles comuns às duas versões da telenovela e um referente apenas à segunda versão.

Antes de passarmos aos nossos movimentos de análise, trazemos, a seguir, alguns apontamentos acerca da perspectiva teórica discursiva pelo qual julgamos ser pertinente pensar essas questões.

---

<sup>3</sup> Na segunda versão de Pantanal, esse personagem também vai se autodenominar Zaquieu, utilizado para dar um requinte francês ao nome original Zaqueu.

## **1. A homossexualidade e a homofobia como questão discursiva**

Do ponto de vista discursivo que assumimos neste trabalho, entendemos as questões da homossexualidade e homofobia como questão discursiva, ou seja, que dizem respeito à constituição simbólica de sujeitos e sentidos no ponto de encontro da língua com a história e também da linguagem com o silêncio.

A partir das reflexões de Orlandi (2011, 2016, 2017), entendemos que a homofobia se trata de uma discursividade específica apoiada em processos discursivos de silenciamento do político (em particular de silenciamento “local”, conforme explicitaremos adiante), ou seja, de impedimento do movimento dos sujeitos e dos sentidos na história, na sociedade e nos discursos. Por outro lado, considerando, com Pêcheux (2014), que não há forma de dominação que não implique resistência, há que se considerar que a política de silenciamento enseja também movimentos de resistência dos sujeitos e dos sentidos, a fim de poderem (se) significar de modo próprio na (sua) história.

De acordo com Orlandi (2017), o preconceito é uma discursividade “que circula sem sustentação em condições reais”, mas num imaginário social resultante do trabalho ideológico da interpretação. Esse imaginário, pois, remete às “redes dominantes de legitimidade” (2017, p. 104), sustentadas pelo funcionamento da ideologia enquanto produção de efeitos de evidência, que naturalizam certas interpretações dos fatos como necessárias. Desse modo, para a mesma autora, em contradição com o real do movimento incessante dos sentidos, as relações de sentidos administradas pelo imaginário, conforme relações de força e de poder, “fazem com que diferenças sejam silenciadas em suas especificidades e signifiquem em relação a esse imaginário” (2017, p. 94). Portanto, o preconceito relativo à homossexualidade consiste numa forma de silenciamento em que a diferença afetivo-sexual é apagada e significada pelo imaginário social da homofobia.

Nessa perspectiva, o preconceito, discursivamente falando, diz respeito ao fato de os sujeitos poderem ou não dizer suas posições a partir da memória (interdiscurso), o todo complexo das formações discursivas (regiões do dizer), imbricado nas formações ideológicas (forças em confronto numa conjuntura dada), que sustenta os dizeres. No caso do sujeito homossexual, podemos afirmar então que seus processos de identificação e filiação sofrem determinações do imaginário social da homofobia, de uma parte, e da diversidade, de outra. Assim, enquanto as redes discursivas de legitimação da homofobia

trabalham na direção do silenciamento do político, isto é, no apagamento da diferença enquanto fundamento dos sujeitos e dos sentidos na sua relação com o/no mundo (história/sociedade), as redes discursivas de legitimação da diversidade trabalham a resistência dos sujeitos e dos sentidos, abrindo possibilidades de significação e interpretação outras, alternativas, para além das evidências do imaginário da homofobia. Por conseguinte, a resistência remete ao “deslocamento do sujeito em seus processos de individu(aliz)ação face à formação do consenso” (2012, p. 227), à possibilidade do sujeito, dadas as falhas da língua e da ideologia, “irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história” (2012, p. 231).

No discurso do preconceito, a nosso ver, há dois modos de funcionamento do silenciamento do político (2002a, 2002b, 2017): a interdição de dizer (“silêncio local”), em que a diferença é silenciada pela proibição do dizer da/a diferença; e a dessignificação, em que há esvaziamento dos sentidos específicos da diferenças mediante imposição de sentidos outros.

Nos dois casos, há silenciamento ou apagamento da diferença, porém de modos distintos. No silenciamento/apagamento pela interdição, há bloqueio do movimento do sujeito e dos sentidos, de sua possibilidade de serem outros, diferentes. Neste caso, há um impedimento da circulação do sujeito em certas “regiões de sentido”, em certas posições, por exemplo da homossexualidade como condição, afeto, não-fragilidade, etc. Não se trata aqui do silenciamento necessário a todo dizer, o “silêncio constitutivo” (2002b, 2017), segundo o qual para dizer certos sentidos é preciso não dizer outros, mas de “silêncio local”, proibição de dizer(-se), de trabalhar (com) sentidos possíveis, ou seja, “não se pode dizer o que se pode dizer” (2002b, p. 79). No caso da homossexualidade, o preconceito, a homofobia impedem o sujeito homossexual de dizer(se) de um lugar e de uma historicidade próprios.

Porém, no preconceito, o dizer proibido, interditado não fica simplesmente impedido de significar. Ele é dessignificado, ou seja, os sentidos proibidos, mas possíveis, são desviados ou recobertos por outros, que diluem ou indistinguem sua especificidade

(2002a, p. 47-64)<sup>4 5</sup>.

Assim, no silenciamento político da homossexualidade, podemos dizer que há um duplo movimento de sentidos – de interdição e de dessignificação/imposição –, uma vez que se trata não só de uma injunção a não dizer o possível, mas também de imposição de um “dizer devido”. Por meio da discursividade homofóbica, dessa forma, são impostos aos sujeitos homossexuais modos de individuação e subjetivação que não “coincidem” com as condições reais de existência desses sujeitos, de sua afetividade e sexualidade. Daí a afirmação de Orlandi (2017, p. 94) de que o preconceito é uma discursividade “que circula sem sustentação em condições reais”.

O silenciamento, seja por interdição seja por dessignificação, afeta, pois, a constituição da identidade do sujeito enquanto movimento no social e no dizível (2002b). Ou seja, ao bloquear a possibilidade de filiação do sujeito a uma rede de sentidos possível, diferente (a da homossexualidade) ou desviar essa possibilidade de filiação para outro lugar (o da homofobia), o preconceito homofóbico impede que os sentidos da homossexualidade sejam elaborados historicamente e ganhem realidade social e força identitária<sup>6</sup>.

A discursividade do preconceito cria, portanto, efeitos de impossível para o que é possível. Daí seu funcionamento similar ao da censura política (2002b, 2017). Do mesmo modo que na censura o sujeito não pode dizer o que sabe (logo, não há coincidência entre não-dizer e não saber), pois tem sua posição interdita, proibida, no preconceito não se pode dizer o que se sabe que se é. Não se trata aqui, pois, de falta de sentidos, mas de sentidos impedidos social e discursivamente de circular – sentidos confinados no armário – e de sentidos que circulam dessignificados sob as formas do estereótipo, da

---

<sup>4</sup> Estendemos ao funcionamento da discursividade do preconceito (em especial, da homofobia), a noção de dessignificação proposta por Orlandi (2002a) na análise de processos de silenciamento/apagamento em que certos sentidos que “já estiveram disponíveis” se tornam “indisponíveis”, ficando “sem sentido” porque foram interditados pelo silêncio ou pelo *desvio* (a autora exemplifica com a discursividade do movimento francês de Maio de 1968).

<sup>5</sup> Articulamos também formulações de Orlandi (2002b, p. 175-176) sobre o funcionamento da censura (silêncio local) ao caso do preconceito.

<sup>6</sup> O mesmo acontece com outros tipos de preconceito, como o racismo, o sexismo, a transfobia, o capacitismo.

simplificação e da distorção<sup>7</sup>.

O preconceito é, pois, silenciamento do político, da possibilidade/necessidade da diferença, de significação do sujeito no espaço histórico e social, ou seja, uma intervenção na construção identitária do sujeito. Nessa perspectiva, toca nas questões sociais e políticas da dominação e da segregação, mas também da inclusão e da resistência.

De acordo com Orlandi, a resistência, sob a abordagem discursiva, não se trata de uma questão voluntarista ou pragmática, mas remete à possibilidade do sujeito, dadas as falhas da língua e da ideologia, “irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história”(2012, p. 231), o que resulta na produção de sentidos, posições e práticas sociais outras, que desafiam o consenso e a evidência das práticas dominantes.

Para mudar a realidade resultante do preconceito (a segregação, a discriminação) é necessário então intervir nas condições de produção deste, a fim de “abrir novos espaços de experiência e de significação para que haja deslocamentos, percursos de sentido não experimentados” (2017, p. 97).

Nesse movimento, em que as “redes de memória” e “trajetos sociais” dos discursos podem se desestruturar e reestruturar (Pêcheux, 1990), o silenciado pelo preconceito pode irromper em gestos de resistência, deixando o sujeito de se inscrever numa discursividade reflexo da ideologia que o interpela através do imaginário social do preconceito e entrando em outro processo de identificação (2011, p. 107). Em relação à homossexualidade e os processos de silenciamento que a afetam, a resistência significa não se deixar representar pelo discurso homofóbico e ao mesmo tempo assumir um processo de identificação próprio. Sair do armário e do lugar de sujeito “fora do discurso”.

## **2. A homossexualidade e a homofobia na encenação midiática da novela Pantanal**

Consideradas as questões explicitadas na seção anterior, pretendemos, nesta seção, mediante análise dos recortes selecionados, demonstrar e discutir como nas duas versões da telenovela Pantanal (1990, 2022) os sentidos da homossexualidade e da

---

<sup>7</sup> Não descartamos, porém, que estereótipos possam funcionar como estratégia discursiva de resistência, ressignificando certos lugares de consenso.

homofobia foram significados, como a aceitação ou a recusa da diferença do sujeito homossexual se textualiza, como essa diferença é dita ou silenciada.

Nossos movimentos de análise incidirão sobre 3 recortes de cenas que remetem à questão da homossexualidade e da homofobia.

Os recortes 1 e 2 textualizam uma mesma cena da novela em suas duas versões – a “cena da carta”. Essa cena acontece no Pantanal, na casa de José Leôncio, cenário de boa parte da telenovela. Participam dela, na primeira versão, além do dono da casa, as personagens Mariana, sua sogra, e Irma, cunhada; na segunda, também participa Filó. O mote dramaturgico da cena é uma carta deixada por Zaqueu ao decidir retornar para o Rio por conta do preconceito sofrido durante o tempo em que esteve no Pantanal. Na carta, Zaqueu justifica o motivo de sua partida repentina. Na primeira versão da cena, a carta é lida por Mariana, que é a patroa de Zaqueu; na segunda, em determinado momento da leitura, a voz de Zaqueu se superpõe à de Mariana e assume a locução. As duas cenas têm como tema a homossexualidade e a homofobia. Entretanto, essas questões não são significadas da mesma maneira nas duas cenas, produzindo-se nos dois casos efeitos de sentido ora convergentes ora diferentes.

O recorte 3 é um desdobramento narrativo da “cena da carta”, acrescido à segunda versão de Pantanal. Nessa nova cena, Zaqueu, na chalana em que parte de volta para o Rio de Janeiro, faz um discurso-desabafo sobre o preconceito por ele sofrido ao longo de sua vida.

### **2.1. Recorte 1: Homossexualidade e homofobia à flor da pele**

No primeiro recorte, observamos que a homossexualidade e a homofobia são significadas a partir da ótica do sujeito homossexual (Zaqueu) e dos demais personagens. Ou seja, duas posições-sujeito são aí representadas: a de sujeito homossexual e a de sujeitos heterossexuais:

#### *Recorte 1: A carta de Zaqueu – Pantanal (1990)*

D. MARIANA: “Eu vou embarcar na Chalana e vou embora daqui para Campo Grande. De lá pegarei o avião de volta ao Rio de Janeiro”.

JOSÉ LEÔNCIO: O que é isso?

IRMA: Eu não tô entendendo.

D. MARIANA: Então escute o resto: “Eu vou esperar a senhora lá. Eu me senti muito deslocado nesse lugar maravilhoso. As pessoas são ótimas, mas às vezes grosseiras demais para o meu gosto, como é o caso do senhor José Leôncio”...



JOSÉ LEÔNCIO: Ora, mas eu só tive uma discussão com ele quando ele começou a fuçar lá no rádio.

D. MARIANA: “Eu tenho a minha sensibilidade de ser humano que sou. E não posso admitir certas coisas. Por isso estou pegando a Chalana e indo embora de volta para casa. Estou levando a chave e a senhora pode ficar descansada que eu vou cuidar de tudo direitinho até a senhora voltar lá”.

IRMA: Eu sempre achei o Zaqueu meio maluco. De onde ele conseguiu tirar essa ideia de viajar de Chalana?

D. MARIANA: “Eu vou pelo rio para ver as belezas de que tanto falam, os tuiuiús, as garças brancas, os colhilheiros, as anhumas... dos jacarés eu quero distância, Deus me livre...”

JOSÉ LEÔNCIO: Eu não pensei que ele fosse ficar tão ofendido com isso!

D. MARIANA: “Se alguém perguntar por mim, diga que eu não estava aguentando os mosquitos. Eles vão rir, mas não faz mal. Beijos. Zaqueu”.

IRMA: É ... ele deve ter ficado muito magoado com alguma coisa.

JOSÉ LEÔNCIO: Ara, mas não pode ter sido comigo. Eu só me aborreci quando ele começou a mexer lá no rádio.

D. MARIANA: Foi simples curiosidade dele, José Leôncio.

IRMA: É ... não deve ter sido por isso, claro que não.

JOSÉ LEÔNCIO: É... tomara que não seja. Senão eu taria aqui negando a hospitalidade pantaneira. Só se algum peão faltou respeito com ele.

D. MARIANA: Zaqueu é uma das pessoas mais bonitas que eu jamais conheci. Como todo homossexual tem a sensibilidade à flor da pele.

JOSÉ LEÔNCIO: Sobre isso eu já não entendo não.

D. MARIANA: É ... vamos deixar isso de lado... Por onde anda o Joventino?

Fonte: Transcrição a partir de material audiovisual da telenovela disponível em: <https://abrir.link/xVATP>

Nas formulações de Zaqueu, podemos perceber que a posição-sujeito homossexual é significada pelo efeito de sentido de um forte deslocamento resultante do comportamento grosseiro de certas pessoas (SD1):

*SD1* D. MARIANA: “Eu me senti  *muito deslocado* nesse lugar maravilhoso. As pessoas são ótimas, mas às vezes grosseiras demais para o meu gosto”...

O efeito de sentido em questão é um indício do preconceito homofóbico (a discriminação por conta da orientação afetivo-sexual) sofrido pelo personagem, sugerido na formulação, mas, ao mesmo tempo, atenuado ao ser atribuído ao mal comportamento eventual de algumas pessoas. Desse modo, depreende-se daí uma discursividade do preconceito homofóbico como um mero desvio de conduta, cuja correção colocaria o mundo de volta à normalidade da ausência de preconceito.

Ainda na fala do personagem, um gesto de revolta contra o preconceito é sugerido na formulação da SD2:

*SD2* D. MARIANA: “Eu tenho a minha  *sensibilidade de ser humano* que sou. E não posso admitir certas coisas”.

Entretanto, a causa da revolta, de acordo com a mesma formulação, não é relacionada à homofobia, mas a uma vaga “sensibilidade de ser humano” do sujeito, o que produz um efeito de atenuação que apaga ou dilui os sentidos da homossexualidade e da homofobia: não se diz “homossexualidade”, mas “sentimento de ser humano”; não se diz “homofobia”, mas “certas coisas”. O discurso do personagem, nesse trecho, se alinha então com uma discursividade universalista e não diferencialista das identidades (Santos, 2010), que não reconhece a especificidade e historicidade da identidade homossexual nem do preconceito.

Consideradas as SD 1 e 2, note-se que um efeito diferente seria produzido se outras formulações tivessem sido proferidas: “muito deslocado”/“muito discriminado”; “sensibilidade de ser humano”/“condição afetivo-sexual”, “homossexualidade”; “certas coisas”/“preconceito”, “homofobia”.

Vislumbramos, desse modo, nas formulações iniciais do personagem Zaqueu, ao lado da insinuação de um discurso anti-homofóbico, a produção de um duplo efeito de silenciamento da homossexualidade: enquanto proibição de dizer a diferença e enquanto imposição de outro dizer para a diferença. O que ressalta das SD1 e SD2 é então um modo atenuado e indireto de dizer que mantém o compromisso com os efeitos de silenciamento da homossexualidade e legitimam a força da homofobia.

Nas formulações da carta de Zaqueu, o mal-estar da homofobia – o sentir-se deslocado – é também atenuado pelo sentimento de acomodação e conformismo do personagem, o que redundará na aceitação ou incorporação de estereótipos acerca da homossexualidade:

*SD 3*

D. MARIANA: “Eu vou pelo rio para ver as belezas de que tanto falam, os tuiuiús, as garças brancas, os colhilheiros, as anhumas... *dos jacarés eu quero distância, Deus me livre*”...

D. MARIANA: “Se alguém perguntar por mim diga que *eu não estava aguentando os mosquitos. Eles vão rir, mas não faz mal*. Beijos. Zaqueu”.

Na SD3, o conformismo se mostra na aceitação pelo próprio sujeito homossexual de sua inscrição nos lugares de fragilidade e de riso próprios do discurso homofóbico. Os trechos em destaque na SD marcam essa inscrição do sujeito homossexual nos lugares de

fraqueza, hipersensibilidade e riso, oposto negativo do estereótipo do homossexual corajoso, forte, machão.

Entretanto, podemos dizer que os efeitos de sentidos até aqui destacados são contraditórios, na medida em que as formulações do personagem Zaqueu, ditas de uma posição-sujeito sabidamente homossexual, são carregadas de uma tensão latente entre poder/querer dizer e não poder dizer a homossexualidade e também a homofobia, pois, como afirma Orlandi (2002b, p. 134), não há censura (silenciamento local) totalmente eficaz: onde há censura há resistência. No caso, a resistência do sujeito e do sentido se dizem justamente pelo/como silenciamento (proibição, dessignificação): as falas de Zaqueu querem dizer algo mais do que dizem, mas (ainda) não podem. O silêncio, nesse caso, pode ser interpretado como sintoma de uma indisponibilidade de sentidos outros para a identificação do sujeito, obrigando o sujeito a se subjetivar pela homofobia.

Do ponto de vista da posição homossexual dos demais personagens, a cena da carta expõe um efeito de recusa quanto ao reconhecimento quer da homossexualidade quer da homofobia, recusa esta que se traduz pela reiteração do estereótipo da hipersensibilidade do sujeito homossexual na fala de D. Mariana; pela atribuição de característica patológica ao comportamento de Zaqueu na fala de Irma; pela alegação evasiva de ignorância sobre o assunto por parte de José Leôncio:

*SD4*

D. MARIANA: Zaqueu é uma das pessoas mais bonitas que eu jamais conheci. *Como todo homossexual tem a sensibilidade à flor da pele.*

IRMA: *Eu sempre achei o Zaqueu meio maluco...*

JOSÉ LEÔNCIO: *Sobre isso eu já não entendo não.*

Esse conjunto de recusas denota o quanto a homossexualidade tem de incompreensível e insuportável para o sujeito homossexual, traduzindo-se isso em atitudes de homofobia ou de indiferença em relação à dor de quem sofre preconceito, o que se expressa também na formulação de D. Mariana que fecha a cena da carta:

*SD5 D. MARIANA: É ... vamos deixar isso de lado... Por onde anda o Joventino?*

Dentre outras marcas da incompreensão referida, chama atenção nas falas de José Leôncio (SD4) e de D. Mariana (SD5), a referência à questão da homossexualidade/homofobia pelo pronome demonstrativo referencial neutro “isso”, indicando algo que não se quer ou não se pode nomear, ou de que se deseja distância e, ao mesmo tempo, um sintoma de algo que persiste, resiste em querer significar.

Em conformidade com o que teoriza Orlandi (2002b) sobre o silêncio local, podemos afirmar que a cena da carta na primeira versão de *Pantanal* (1990) revela uma impossibilidade do sujeito homossexual de trabalhar o movimento de sua identidade (constituir-se por ela), de elaborar sua história de sentidos. Essa impossibilidade decorre da ausência de um trabalho histórico e social positivo dos sentidos da homossexualidade ou do trabalho negativo desses sentidos pela homofobia, afetando ambos a constituição tanto da posição-sujeito homossexual quanto da posição heterossexual, na medida em que o preconceito é estruturante em nossa formação social, afetando os sujeitos em seu conjunto. Nesse sentido, a cena também nos mostra como a constituição dos sujeitos é marcada pela divisão (Orlandi, 2017): dos sujeitos em si (Zaqueu dividido entre a recusa e a aceitação da própria homossexualidade e da homofobia sofrida) e entre si (D. Mariana dividida entre o reconhecimento e desconhecimento da homossexualidade de Zaqueu e da homofobia sofrida por ele).

A ausência de elaboração subjetiva, social e histórica depreendida da representação da homossexualidade na primeira versão da novela *Pantanal* tem relação com as condições de produção imediatas e mais amplas sob as quais a telenovela foi produzida, com os processos históricos e as relações de força e de sentido que, na conjuntura e contexto dados, definiam as (im)possibilidades de expressão das identidades e sexualidades.

Diferentemente dos Estados Unidos, onde o Movimento Gay, desde 1969, com a Revolta de Stonewall<sup>8</sup>, passou a se organizar e ampliar a ressonância da luta política por direitos civis e humanos das pessoas homossexuais, no Brasil, o período que antecede a

---

<sup>8</sup> Revolta de pessoas homossexuais ocorrida em Nova York, em 1969, contra a violência policial sobre homossexuais que frequentavam o bar Stonewall Inn. Essa revolta se estendeu por dias e desencadeou um amplo movimento em defesa da livre expressão de gênero e dos direitos civis e humanos das pessoas LGBT. O primeiro dia da revolta, 28/6, passou a ser considerado o “Dia do Orgulho Gay”.

realização da telenovela *Pantanal*, produzida em 1990, foi marcada pela repressão política, social e moral promovida pela Ditadura Militar de 1964-1985 e suas discursividades opressoras. Acrescente-se a isso o advento da epidemia de AIDs no início dos anos de 1980, que intensificou o preconceito homofóbico, visto que a doença foi interpretada majoritariamente como uma “peste gay”, o que reiterava os mitos da homossexualidade como pecado ou degeneração. O discurso social dominante sobre a homossexualidade era, portanto, o da homofobia, não tendo as vozes da resistência, embora importantes, força suficiente para deslocar significativamente o discurso de silenciamento da homossexualidade.

## 2.2. Recorte 2: Homossexualidade e homofobia expostas

Na segunda versão de *Pantanal*, as formulações do personagem Zaqueu mantêm e deslocam os efeitos de sentido acerca da homossexualidade e da homofobia textualizados na primeira versão.

### *Recorte 2: A carta de Zaqueu – Pantanal (2022)*

D. MARIANA: “Vou embarcar na próxima Chalana rumo a Campo Grande, D. Mariana, e de lá pegarei um avião de volta pro Rio de Janeiro”.

JOSÉ LEÔNCIO: O que é que deu nesse rapaz, gente?

IRMA: Também não tô entendendo não...

D. MARIANA: Escutem o resto aí: “Esse lugar é maravilhoso, de fato, mas eu não posso dizer que foi um paraíso pra mim. Eu esperava enfrentar alguma resistência, mas confesso que não esperava causar tamanho desconforto pelo simples fato de ser quem eu sou”.

IRMA: Mas quem o destratou dessa forma?

JOSÉ LEÔNCIO: Bom, talvez eu tenha me excedido quando peguei ele fuçando ali o rádio, mas ... num é pá tanto.

D. MARIANA: “Bom, eu não falo exclusivamente da forma rude como o Sr. José Leôncio falou comigo ou da relação possessiva da D. Filomena com aquele fogão... Tá, mas...”

D. MARIANA/ZAQUEU: “...Mas tem certas piadas que eu jurei pra mim mesmo que não ia mais tolerar. Pode soar repentino, mas não é exagerado que eu, enquanto ser humano, exija ser tratado com o mínimo de dignidade e decência. O que não fui por todos nessa fazenda. E nem tenho esperança de ser. Por isso, achei melhor sair à francesa”.

D. MARIANA: “Me dou por satisfeito em saber que a senhora será feliz aí! E para evitar maiores transtornos não darei nome aos bois nem aos boiadeiros. Espero que a senhora compreenda meus motivos e conduza essa situação com a discrição que ela merece. Zelarei pelo seu palácio como se fosse meu. Pelo tempo que for. Zaqueu”.

D. MARIANA: Bom, quanto a essa discrição aqui que ele cita ... essa eu vou ficar devendo, né?! Por que acho que uma situação dessas a gente não pode manter em silêncio, não.

JOSÉ LEÔNCIO: Ara, eu não sei o que possam ter feito pra ele sair daqui tão ofendido...

D. MARIANA: O que importa é que disseram, né? E ele ficou ofendido, sim. E agora como é que vamos resolver essa situação? Então, porque... o senhor me garantiu que eu seria recebida de braços abertos aqui na sua fazenda, né isso?! Vá agora que eu fique me perguntando se é essa a “famosa hospitalidade pantaneira”.

JOSÉ LEÔNCIO: Bom, de minha parte eu não vejo motivo pra ele ter feito tudo isso.

D. MARIANA: Será que o senhor ouviu direito o que eu li aqui?

JOSÉ LEÔNCIO: Ouvi, D. Mariana, ouvi! Mas eu acho que aí há alguma falta de comunicação ... Ou é frescura mermo, ué!

D. MARIANA: Frescura?!

JOSÉ LEÔNCIO: É!

D. MARIANA: Não José Leôncio, isso não é frescura. Isso é crime!

FILÓ: Ara, mas também não é pra tanto, né?

IRMA: Não, Filó. Minha mãe tá certa. Isso que fizeram com o Zaqueu tem nome. Se chama “homofobia”. E não é frescura ou brincadeira não. Apesar de ser tratada como tal, mas não é não. Não é. Isso é crime. Tá na lei.

JOSÉ LEÔNCIO: O que é que eu vou fazer se eu não sei o que foi que falaram pra ele. Nem quem foi.

D. MARIANA: Bom, o senhor tem que ir lá com os seus peões. Vai tirar satisfação. Vai averiguar os fatos, invés de ficar tirando conclusões precipitadas sobre Zaqueu, né?! Olha, é melhor o senhor ir porque se eu for... mas num vai prestar!

Fonte: Transcrição a partir de material audiovisual da telenovela disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10727853/>

De início, observamos que o efeito de “deslocamento” (não pertencimento) que resulta da homofobia é reiterado na cena da segunda versão como desconforto psíquico pela não aceitação. Mas a causa desse “deslocamento”/“desconforto”, ou seja, a homofobia é formulada de modo diferente:

*SD6* D. MARIANA: “[...] eu não posso dizer que foi um paraíso pra mim. Eu esperava enfrentar alguma resistência, mas confesso que não esperava causar tamanho desconforto pelo simples fato de ser quem eu sou”.

Se na primeira versão da cena sob análise o personagem atribui seu sentimento de deslocamento a um comportamento de incivilidade (“grosseria” das pessoas), na nova versão se fala em “resistência” (“Eu esperava alguma resistência”), termo que pode ser interpretado numa acepção psicanalítica que remete à não aceitação da diferença, no caso a homossexualidade, como uma defesa do ego heteronormativo contra os sentidos do outro. Além disso, a fala do personagem também não vincula o deslocamento/desconforto da homofobia a uma vaga “sensibilidade de ser humano”, mas ao fato de o sujeito ser quem é (“ser quem eu sou”), o que singulariza, ainda que de forma não inteiramente explícita, a diferença da identidade homossexual.

Constata-se então, já nas formulações iniciais da nova versão da cena da carta, um movimento de interpretação pelo qual a condição homossexual, bem como as condições de produção do preconceito homofóbico, são especificados, movimento que também se expressa na SD7:

*SD7 D. MARIANA/ZAQUEU: “Mas tem certas piadas que eu jurei pra mim mesmo que não ia mais tolerar. Pode soar repentino, mas não é exagerado que eu, enquanto ser humano, exija ser tratado com o mínimo de dignidade e decência. O que não fui por todos nessa fazenda. E nem tenho esperança de ser. Por isso, achei melhor sair à francesa”.*

Na primeira versão da cena, a revolta do personagem pela homofobia sofrida é materializada linguisticamente pela expressão vaga “certas coisas”. Na SD7, porém, observamos um deslocamento dessa expressão para “certas piadas”, que remete a uma das facetas do discurso homofóbico: o tratamento cômico da homossexualidade. Ademais, no dizer acerca da determinação do personagem de não aceitar a homofobia (“não ia *mais* tolerar”), o advérbio intensificador, que desencadeia a pressuposição de que algo vinha sendo tolerado até então, alude ao prolongamento do sofrimento causado pela homofobia até que o sujeito homossexual venha a assumi-la e enfrentá-la.

No entanto, na mesma SD7, similarmente ao formulado na primeira versão da cena, reitera-se, como justificativa do direito à diferença, o discurso universalista e não diferencialista das identidades, ainda que não mais como questão de vaga “sensibilidade humana”, mas como reivindicação ético-moral por “dignidade” e “decência” (“não é exagerado que eu, enquanto ser humano, exija ser tratado com o mínimo de dignidade e decência”). Além disso, num outro fragmento da carta de Zaqueu, o efeito de atenuação de homofobia pelo próprio sujeito homossexual já observado na primeira versão, é retomado:

*SD8 D. MARIANA: “E pra evitar maiores transtornos não darei nome aos bois nem aos boiadeiros. Espero que a senhora compreenda meus motivos e conduza essa situação com a discrição que ela merece”.*

A despeito da manifestação de revolta contra a homofobia expressa na SD7, na SD8 renova-se o efeito de atenuação do preconceito, uma vez que o personagem “opta” por retirar-se do lugar que o oprime (“achei melhor sair à francesa”), para “evitar maiores

transtornos”, e ainda pede a sua patroa, D. Mariana, que conduza a situação com “discrição”. Nessas formulações, o sujeito homossexual novamente é colocado numa posição de conformismo e de aceitação do lugar de sofrimento que lhe é imposto, sendo a homossexualidade aceita como algo que causa transtorno, como “sentido que atrapalha” (Orlandi, 2002b, p. 133). O silenciamento da condição homossexual, então, continua a sugerir a indisponibilidade de um sentido próprio (outro) para a identificação do sujeito homossexual<sup>9</sup>.

Entretanto, nos efeitos de silenciamento da cena em questão, considerada a relação tensa entre dizer (revoltar-se) e não dizer (conformar-se), pulsam os sentidos silenciados da homossexualidade e da homofobia.

Além disso, na segunda versão da cena da carta, outros efeitos de tensão, mais explícitos, se produzem. Vimos, na análise do primeiro recorte, que a cena da carta se encerra com um gesto de indiferença dos demais personagens em relação ao drama identitário de Zaqueu, gesto esse materializado na formulação proferida por D. Mariana: “É ... vamos deixar *isso* de lado”. Na versão de Pantanal/2022, a cena tem outro desfecho, configurando-se um embate entre, de um lado, D. Mariana e Irma, personagens posicionadas num lugar de denúncia explícita da homofobia, de outro, José Leôncio e Filó, situados num lugar de atenuação ou negação do preconceito<sup>10</sup>:

*SD9*

JOSÉ LEÔNCIO: Bom, de minha parte eu não vejo motivo pra ele ter feito tudo isso.

D. Mariana: Será que o senhor ouviu direito o que eu li aqui?

JOSÉ LEÔNCIO: Ouvi, D. Mariana, ouvi! Mas eu acho que aí há alguma falta de comunicação ... ou é frescura mermo, ué!

D. MARIANA: Frescura?!

JOSÉ LEÔNCIO: É!

D. MARIANA: Não José Leôncio, isso não é frescura. Isso é crime!

FILÓ: Ara, mas também não é pra tanto, né?

---

<sup>9</sup> O não enfrentamento do preconceito pode também ser uma estratégia imediata utilizada pelo sujeito vítima de discriminação para evitar o sofrimento da exclusão, estratégia essa que, contraditoriamente, preserva a naturalidade da opressão.

<sup>10</sup> Ressaltemos que, numa outra cena, não contemplada em nossa análise, na qual José Leôncio toma satisfação com os peões de sua fazenda por conta de atitudes homofóbicas contra Zaqueu, há, entre a primeira e segunda versão dessa cena, deslocamentos de sentido na representação do fazendeiro, que passa da convivência à contestação da homofobia.



IRMA: Não, Filó. Minha mãe tá certa. Isso que fizeram com o Zaqueu tem nome. Se chama: homofobia. E não é frescura ou brincadeira não. Apesar de ser tratada como tal, mas não é não. Não é. Isso é crime. Tá na lei.

Na SD9, a homofobia é explicitamente nomeada e confrontada com concepções atenuadoras que negam sua existência e seus efeitos opressores ao atribuí-la a “falta de comunicação”, “brincadeira” – o que isenta a responsabilidade dos que a praticam – ou a “frescura” – o que minimiza o sofrimento da vítima do preconceito. O item gramatical “isso” que, na primeira versão da cena, apenas apontava de modo vago para uma situação de preconceito (“... vamos deixar isso de lado”), na cena de 2022, é explicitado como “crime”, “homofobia”: (“Isso que fizeram com o Zaqueu tem nome. Se chama ‘homofobia’”, “Isso é crime”).

Pelas falas de Mariana e Irma, agora, o silêncio/silenciamento sobre a homofobia é quebrado de modo eloquente. As formulações das personagens Mariana e Irma, na SD9, produzem um efeito de denúncia explícita da homofobia, sinalizando um novo gesto de interpretação da telenovela sobre o tema. Esse gesto de denúncia tem apoio numa discursividade jurídica acerca do preconceito, cujo enunciado fundamental é o de que “preconceito é crime”, ou seja, uma infração social que pode ser reconhecida, vigiada e punida. Há de se notar, porém, que a discursividade jurídica sobre o preconceito, dado o seu amparo em procedimentos legais, silencia as condições sociais e políticas de (re)produção do preconceito. Dessa forma, o apelo ao jurídico como política de reconhecimento e inclusão, embora relevante para coibir a discriminação, alimenta a ilusão de resolução plena e transparente dos conflitos humanos e sociais mediante simples constatação e averiguação dos fatos e aplicação da lei sobre eles, como se mostra na SD10:

*SD10*

IRMA: [...] Isso é crime. Tá na lei.

D. MARIANA: Bom, o senhor tem que ir lá com os seus peões. Vai tirar satisfação. Vai averiguar os fatos, invés de ficar tirando conclusões precipitadas sobre Zaqueu, né?!

Ou seja, o discurso da criminalização da homofobia não é suficiente para o reconhecimento das condições de (re)produção da homofobia, tão pouco para que haja deslocamento da posição-sujeito homofóbica.

Outro ponto que chama a atenção nos deslocamentos de sentido sobre a homossexualidade e a homofobia na segunda versão da cena da carta é que não é propriamente o sujeito homossexual que, de seu lugar, se revolta e reivindica a aceitação, mas, sobretudo, sujeitos heterossexuais, Mariana e Irma, estes detentores de uma consciência plena do preconceito. Isto nos remete à questão, de que nos fala Orlandi (2005), do “militantismo pedagógico”, que, de acordo com a autora, divide a interpretação entre os que sabem e os que não sabem, os que podem e os que não podem interpretar. Na cena da carta, isto se mostra no deslocamento de posição das personagens D. Mariana e Irma de um lugar de indiferença ou de vaga solidariedade para um lugar de sujeito “pleno de revolta” ou, nos termos de hoje, um sujeito “pleno de empatia”, o que, por sua vez, relega Zaqueu a um lugar de sujeito que não pode ousar pensar por si mesmo.

Entretanto, diferentemente da primeira versão de Pantanal, um segundo desdobramento da cena da carta, se contrapõe ao efeito de silenciamento das condições de produção da homossexualidade e da homofobia e do próprio sujeito homossexual, que também, em certa medida, é mascarada no discurso jurídico da criminalização da homofobia. A cena da carta, na primeira versão de Pantanal, é seguida de uma outra cena em que o fazendeiro José Leôncio conversa com os peões da fazenda, apurando a ocorrência de preconceito contra Zaqueu. Na segunda versão, esta cena foi mantida, porém antes dela, imediatamente após a cena da carta, foi acrescentada uma sequência em que Zaqueu, na chalana em que está indo embora, faz um desabafo ao chalaneiro Eugênio sobre sua condição. Nesse desabafo, determinações históricas e sociais conflituosas da homossexualidade e da homofobia são expostas pela boca do próprio sujeito homossexual.

### 2.3. Recorte 3: Homossexualidade e homofobia re-conhecidas

Recorte 3: Desabado de Zaqueu – Pantanal (2022)

EUGÊNIO: Isso aqui é muito bonito, não é? Não troco isso aqui por nenhum lugar desse mundo.

ZAQUEU: Eu queria também poder dizer o mesmo.

EUGÊNIO: O que fizeram com você na fazenda do homem?

ZAQUEU: Posso lhe ser franco?... Exatamente o mesmo que me fizeram na vida inteira. Sem tirar nem por.

EUGÊNIO: Por isso que você tá assim?

ZAQUEU: Que eu achei que aqui as coisas iam ser diferentes.

EUGÊNIO: Diferente do quê?

ZAQUEU: Não sei! Talvez, pelas maravilhas que me contavam lá no Rio de Janeiro, eu pensei que quando eu chegasse aqui minha vida mudaria como num passe de mágica. Que aqui eu seria, enfim... levado a sério. Minha vida inteira eu fui motivo de chacotas, alvo das piadas dos outros, dos apelidos, das gozações. Tanto tempo interpretando o papel do mordomo gay que... eu achei que era isso mesmo. Que eu servia pra fazer os outros rirem, pra me apontarem o dedo, que só assim eu seria aceito no mundo deles, sendo a piada que eles tanto queriam. Acontece que eu também sou uma pessoa. Eu não sou uma piada. Eu também tenho as minhas brincadeiras, sabe, Seu Eugênio, como qualquer outra pessoa, mas como qualquer outra pessoa eu também tenho os meus sentimentos, os meus sonhos, e o direito de ser tratado com respeito.

Fonte: Transcrição a partir de material audiovisual da telenovela disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10727853/>

Ao responder as indagações do chalaneiro, o personagem é colocado numa posição-sujeito de re-conhecimento de sua história de preconceito e também da ilusão romântica de aceitação pelo enquadramento nos estereótipos da homossexualidade:

*SD11* Zaqueu: Minha vida inteira eu fui motivo de chacotas, alvo das piadas dos outros, dos apelidos, das gozações. Tanto tempo interpretando o papel do mordomo gay que eu achei que era isso mesmo. Que eu servia pra fazer os outros rirem, pra me apontarem o dedo, que só assim eu seria aceito no mundo deles.

No adendo à cena da carta, portanto, há um efeito de deslocamento pelo qual a homossexualidade e a homofobia são significadas e expostas em sua historicidade imbricada, expondo-se o processo de interpelação-identificação que impede o sujeito homossexual de ocupar um lugar outro senão o do estereótipo, da chacota, do alívio cômico. E é pela assunção/reconhecimento dessa historicidade que o personagem reivindica para si um lugar outro, diferente do estereótipo homofóbico:

*SD12* Zaqueu: “Eu não sou uma piada. [...] como qualquer outra pessoa eu também tenho os meus sentimentos, os meus sonhos, e o direito de ser tratado com respeito”.

O gesto de recusa explícita do personagem, assim, rompe o silêncio imposto pela designificação homofóbica da homossexualidade, expondo as condições de produção do preconceito. Temos nesse acréscimo dramaturgício a encenação de um gesto de resistência (ainda que no nível do desejo), na medida em que o sujeito homossexual não aceita mais ser posicionado no/pelo saber/memória da homofobia, desfazendo suas evidências e reivindicando para si um lugar de significação outro, que vislumbra uma outra prática, outra forma de ser e estar na história e na sociedade.

Os deslocamentos dramatúrgicos acerca da homossexualidade e da homofobia da segunda versão de *Pantanal* (os efeitos de contestação e denúncia da homofobia) também estão articulados com as condições sócio-históricas do momento de produção dessa nova versão da telenovela no que respeita às lutas por reconhecimento e por direitos das pessoas LGBTQIAPN+ entre final do século XX e a duas primeiras décadas do século XXI.

No contexto brasileiro, em especial, cabe realçar que a conquista efetiva de vários direitos: o reconhecimento da união estável homoafetiva (2011); o direito ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (2013); o direito à adoção de crianças por casais do mesmo sexo (2015); o enquadramento da homofobia e da transfobia como crimes similares ao racismo (2019). Além disso, as paradas gays, que no Brasil tiveram início em 1997, multiplicaram-se e aumentaram seu público, dando grande visibilidade à comunidade LGBTQIAPN+.

Mais recentemente, apesar da onda neoconservadora emergente, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, dentre outros grupos, “saíram do armário”, recusando-se a voltar ao confinamento da invisibilidade. O gesto de interpretação na cena-desabafo de Zaqueu, na segunda versão de *Pantanal*, nos parece se inscrever nesse movimento de resistência.

### **Considerações Finais**

De acordo com os recortes e movimentos analíticos efetuados neste trabalho, pudemos constatar, quanto à representação/textualização da homossexualidade e da homofobia nas duas versões da telenovela *Pantanal*, que, na primeira versão (*Pantanal*, 1990), essa representação se configura como um processo de silenciamento da diferença, estando os sentidos da homossexualidade impedidos de ser formulados e de circular em um movimento próprio do/para o sujeito. Esse silenciamento também sinaliza a indisponibilidade de sentidos outros para a significação da homossexualidade senão os dizeres dessignificadores da homofobia. Nesse caso, não há como o sujeito significar-se, com força identitária, a partir de sua condição e historicidade homoafetiva.

Na segunda versão da telenovela (*Pantanal*, 2022), os sentidos da homossexualidade e da homofobia, além da reiteração de efeitos de sentido relativos à primeira versão, novos/outros trajetos de significação se projetam, sendo o preconceito

homofóbico exposto e contestado explicitamente, rompendo em parte as evidências dos efeitos de silenciamento presentes na primeira versão. Nessa perspectiva, as condições de produção da homossexualidade e da homofobia são historicizadas, vislumbra-se, nos gestos de recusa (resistência) à memória e às práticas da homofobia, a possibilidade de movimentação do sujeito homossexual tendo em vista a sua resignificação a partir de um outro lugar onde seus sentidos não sejam interditados ou dessignificados.

Assim, através da análise do discurso teledramatúrgico, podemos observar, por um lado, como as redes de memória da homofobia trabalham na direção do silenciamento do político do sujeito homossexual e, em última instância, no apagamento/diluição da diferença enquanto fundamento da constituição identitária dos sujeitos; por outro, as evidências dessas redes podem ser tensionadas em movimentos de resistência dos sujeitos e dos sentidos, abrindo possibilidades de significação e interpretação outras, alternativas.

Os resultados de nossa análise colocam, pois, a necessidade de pensar a telenovela como uma prática significativa complexa de estabilização e deslocamento de sentidos.

Isso nos leva a pensar as telenovelas como produtos midiáticos e ideológicos (re)construtores e mediadores dos movimentos da/na sociedade (Orlandi, 2016), que não são indiferentes quer às evidências da homofobia quer às demandas e lutas da comunidade LGBTQIAPN+, sendo lugares em que os sentidos das afetividades e sexualidades são, ao mesmo tempo e contraditoriamente, significados, dessignificados, silenciados e disputados. Desse modo, o discurso teledramatúrgico tanto pode reiterar as evidências ideológicas e discursivas da homofobia, justificando o preconceito e a discriminação por conta de orientação sexual, como promover um trabalho produtivo sobre a homossexualidade, favorecendo a elaboração histórica e social de seus sentidos.

## Referências

FACHINI, R.; RODRIGUES, J. É preciso estar atenta(o) e forte: histórico do movimento LGBT e conjuntura atual. *In*: NOGUEIRA, L. *et al.* **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 231-262.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**: Vol. 1: Iss. 4. 2014. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>. Acesso em: 22 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 1990.

ORLANDI, E. P. Política e silêncio na América Latina: quando se fala pelo outro. *In*: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. da S. **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 19-39.

\_\_\_\_\_. Do fato para o acontecimento (da diferença à resistência). **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 93-111.

\_\_\_\_\_. Ser diferente é ser diferente – A quem interessam as minorias? *In*: RENATA, C. B. de B.; CAVALLARI, J. S. (Orgs.). **Sociedade e diversidade**. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 19-33.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 213-234.

\_\_\_\_\_. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências. Sujeito/história e indivíduo/sociedade. *In*: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 37-54.

\_\_\_\_\_. A escrita da análise de discurso. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 31-57.

\_\_\_\_\_. Sobre ética e significação. *In*: **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 47-64.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002b.

SANTOS, B. de S. A construção intercultural da igualdade e da diferença. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 14. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 7-72.